



Vouchers em escolas funcionam, e eis aqui as provas

Jason Bedrick

July 20, 2016

Há uma série de motivos para apoiarmos a implementação do programa de vouchers em escolas – a maximização da liberdade, o respeito ao pluralismo, a redução dos conflitos sociais, a melhora na educação dos mais pobres, dentre tantos outros. Mas o mais importante é que eles funcionam.

Recentemente, os pesquisadores Patrick J. Wolf, M. Danish Shakeel e Kaitlin P. Anderson, da Universidade de Arkansas, publicaram os resultados de uma minuciosameta-análise sobre pesquisas de “padrão ouro” que investigavam os programas de voucher escolar. Wolf e companhia concluíram que, na média, esses programas causam um impacto positivo relevante no desempenho do aluno em testes de leitura e matemática. Além disso, a intensidade dos impactos positivos crescia à medida que a permanência dos alunos no programa aumentava.

Conforme Wolf observou, a “resultados tão cristalinos (...) contrastam com a cortina de fumaça que muitas vezes envolve as discussões acerca da eficácia do voucher educacional”.

Sobre a metodologia

Uma das principais vantagens da meta-análise é que ela pode superar as limitações dos estudos individuais (por exemplo, pequenas amostragens) ao reunir os resultados de vários estudos. Essa meta-análise é especialmente importante porque inclui todos os estudos de atribuição aleatória (padrão-ouro para pesquisas em ciências sociais) sobre programas de voucher escolar, enquanto exclui estudos que empregaram métodos menos rigorosos.

A análise incluiu 19 estudos em 11 programas de voucher educacional (incluindo aqueles mantidos pelo governo, assim como as bolsas de estudo bancadas pela iniciativa privada) na Colômbia, na Índia, e nos Estados Unidos. Cada estudo comparou o desempenho de estudantes que se candidataram ao voucher e que foram sorteados, com um “grupo controle” formado por estudantes que se candidataram ao voucher, mas que não foram sorteados. Conforme Wolf explicou, meta-análises e análises de pesquisa anteriores omitiam alguns estudos padrão-ouro e/ou incluíam pesquisas menos rigorosas:

A análise mais comumente citada a respeito do voucher educacional, das economistas Cecilia Rouse e Lisa Barrow, afirma centrar-se na evidência a partir de estudos experimentais existentes, mas acaba deixando de fora quatro deles (três dos quais relatavam efeitos positivos do voucher) e incluindo um que não era experimental (que concluiu que vouchers não tem efeitos significativos). Uma revisão de literatura mais recente, realizado por Epple, Romano, e Urquiola, incluiu, de forma seletiva, apenas 48% dos estudos empíricos acerca dos resultados da política de voucher escolar disponíveis na academia. O relatório de Greg Foster, realizado em 2013, é uma exceção bem-vinda, sendo uma análise que merece prêmio por ser a que chega mais perto de cobrir todos os estudos dentro desse critério de inclusão – 93,3%.

Pesquisas indicam: programas de voucher escolar melhoram o desempenho dos estudantes

A meta-análise concluiu que, em média, a participação no programa de vouchers melhora as notas dos estudantes em cerca de 0,27 em relação ao desvio-padrão em leitura, e cerca de 0,15 quanto ao desvio-padrão em matemática. Em termos genéricos, estes são “resultados de alta significância estatística e educacional, com ganhos de vários meses de aprendizado adicional graças ao voucher escolar”.

É interessante notar que os resultados positivos se mostraram maiores nos países em desenvolvimento do que nos Estados Unidos, sobretudo em relação à leitura. Provavelmente isso se dá graças à maior diferença qualitativa entre escolas públicas e privadas no mundo em desenvolvimento. Além disso, os estudantes norte-americanos que não conseguiram ser sorteados para receber o voucher “muitas vezes encontravam outras formas de acessar as escolas de sua preferência”. Em Washington, por exemplo, 12% dos estudantes que perderam o sorteio ainda conseguiram se matricular numa escola privada, e 35% se matricularam em uma escola “modelo” – isto é, apenas pouco mais da metade do “grupo controle” frequentou escolas públicas.

A meta-análise também concluiu que os programas de financiamento público apresentam resultados positivos maiores do que os de financiamento privado. Os autores observam que o financiamento público “poderia ser uma base para o valor do voucher” por oferecer um valor médio significativamente maior do que as bolsas escolares com financiamento privado. Os autores sugerem que se os pais fossem “isentos de encargos financeiros adicionais (...) teriam, portanto, uma propensão maior em manter seu filho na escola privada tempo o suficiente para que se percebam os seus maiores benefícios educacionais, que aparecem após três anos ou mais”. Além disso, vouchers de maior valor tendem a “motivar as escolas privadas de maior qualidade à participarem do programa”. Os autores também observam que diferenciações nas regulamentações de prestação de contas podem contribuir.

Os benefícios da escolha e da competição

Os benefícios dos vouchers não se limitam aos alunos participantes. Recentemente, Wolf e Anna J. Egalite, da Universidade da Carolina do Norte, publicaram uma revisão de literatura sobre o impacto da competição nas escolas públicas.

Embora seja impossível conduzir um estudo de atribuição aleatória sobre os efeitos da competição (ainda que alguns pesquisadores adorassem obrigar estados diferentes a adotar aleatoriamente políticas diversas, com a finalidade de medir a variação nos efeitos, nem os eleitores e nem os políticos eleitos têm muito interesse na ideia), há dezenas de estudos de alta qualidade abordando essa questão, e uma maioria significativa concluiu que uma maior concorrência tem impacto positivo no desempenho das escolas públicas:

Trinta das 42 avaliações sobre os efeitos da competição – decorrente da possibilidade de escolha – no desempenho das escolas públicas afetadas relatam que as notas de todos ou de alguns alunos de escolas públicas aumentam quando as escolas se deparam com concorrência. A melhoria no desempenho das escolas públicas mostra-se particularmente grande quando há picos de concorrência, mas de outro modo, o resultado é bastante modesto.

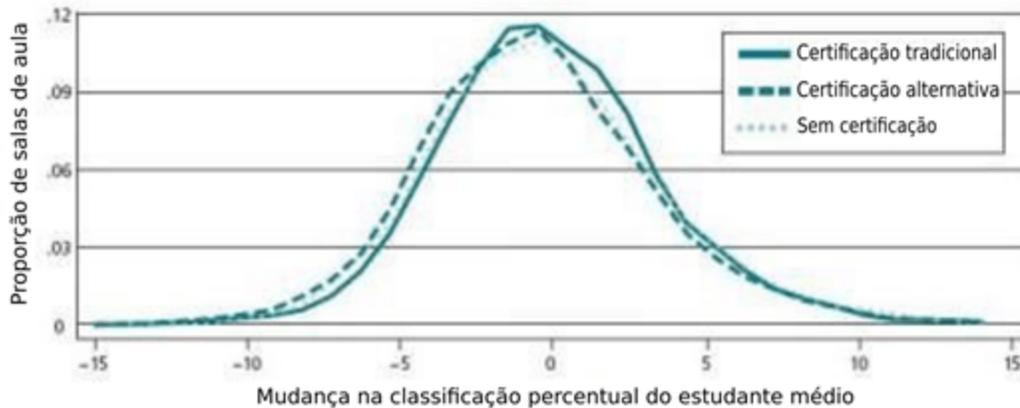
Ou seja, a evidência sugere que quando as escolas públicas sabem que seus estudantes têm outras opções, elas tomam medidas para melhorar. Isso é exatamente o que prevê a teoria econômica. Os monopolistas são lentos em propor mudanças, enquanto as organizações que operam em um ambiente competitivo precisam se adaptar, caso não queiram deixar de existir.

Sobre o delineamento de políticas de voucher

Sem dúvida, nem todos os programas de voucher são criados da mesma forma. Wolf e Egalite dão várias sugestões sensatas aos burocratas com base em sua pesquisa, como a de que eles deveriam “encorajar escolas inovadoras e tematicamente diversas” elaborando uma legislação que seja “flexível e bem pensada para facilitar novos modelos de ensino que ainda não tenham sido amplamente aplicadas”. Nós não sabemos como vai ser a educação no futuro, então, nossas leis deveriam servir mais como uma plataforma para a inovação do que como um limitante moldado para o sistema atual.

Isso significa que os legisladores deveriam resistir ao impulso de regular demais. Os autores argumentam que as escolas privadas “deveriam ter um grau razoável de autonomia em relação às práticas educativas, pedagogia e as operações gerais do dia-a-dia”, e que, além da verificação de antecedentes, “os dirigentes escolares é que deveriam determinar as qualificações dos professores que estejam em linha com a missão da escola”. Nós não sabemos “a melhor maneira” de ensinar, e provavelmente “a melhor maneira” sequer exista. Para essa questão, ainda não descobrimos uma maneira de determinar de antemão se um candidato a professor será bom ou não. De fato, como mostra o gráfico do Brookings Institute, praticamente não existe diferença de eficácia entre professores tradicionalmente habilitados e seus colegas que tenham certificações alternativas – ou mesmo sem certificação:

Tabela 1 - Impactos do professor no desempenho em matemática, de acordo com a certificação



Ou seja, se, em nome do “controle de qualidade”, o governo obrigasse as escolas participantes de programas de voucher a contratar somente professores tradicionalmente habilitados, essa regulamentação não apenas falharia em barrar a contratação de professores menos efetivos, mas também evitaria que as escolas privadas contratassem muitos bons professores. Infelizmente, os burocratas em geral nunca se cansam de criar novas maneiras de “assegurar a qualidade”, que acabam fracassando ou até mesmo tendo o efeito contrário.

As políticas de voucher escolar beneficiam tanto os estudantes participantes quanto os não-participantes. Estudantes que usam vouchers ou bolsas escolares se beneficiam ao ter acesso a escolas que melhor se adequam às suas necessidades. Os estudantes que não façam uso dessas opções ainda se beneficiam porque a existência de alternativas estimula as escolas públicas a melhorar. Essas são ótimas razões para se expandir programas de voucher educacional, mas os burocratas deveriam ser cuidadosos para não minar os mecanismos de mercado que promovem a competição e a inovação.

Jason Bedrick is a policy analyst with the Cato Institute's Center for Educational Freedom.